

MÁRIO DE ANDRADE – MALAZARTE
I
MANUSCRITOS

Telê Ancona Lopez(*)

Texto escrito entre 27 e 29 de agosto de 1928, musicado por Carmargo Guarnieri em 1932, esta "ópera-bufa" de Mário de Andrade vem de um momento imediatamente posterior à publicação de *Macunaíma*, em julho do mesmo ano. No "herói de nossa gente", amálgama de tantos heróis/anti-heróis, está também o Pedro Malazarte do conto popular brasileiro, personagem que havia inspirado, na esfera culta, em 1911, a peça *Malazarte* do então simbolista Graça Aranha. E que já fora absorvida, em seus traços de subversão e aventura, pelo próprio Mário, nas "Crônicas de Malazarte", na revista carioca *América Brasileira* em 1923-24, quando, além de homenagear, na escolha do título, o escritor que se juntara à luta modernista, cria a tríade responsável por uma multifacetada narração – Malazarte, Belazarte e o cronista.

Esse primeiro Malazarte mariodeandradiano, andejo, crítico e cáustico, representa a vanguarda aventureira, experimentadora de novas soluções para a arte; irreverente, maldita. Mas, esse são outros textos, outro tempo que valem aqui unicamente como registro do percurso que leva o herói trampolineiro a Graça Aranha e a Mário de Andrade. Agora, 1928, rompida a amizade com o romancista de *Canaã*, negados os caminhos por ele propostos, o que nos interessa são os vínculos do libreto com o *Macunaíma*, onde no capítulo "Tequeteque, chupinzão e a injustiça dos homens", o episódio do micura retoma uma das proezas do incorrigível Malazarte da literatura oral. Os vínculos mostram-se não apenas na personagem de investidas eróticas precoces, personagem que se inscreve no espaço sem fronteiras da arte, ou na frase que dis-

* Pesquisadora do IEB/USP, Área de Literatura Brasileira

pensa o artigo, mas, principalmente, na desregionalização/"desgeograficação" postulada pela rapsódia, quando, à mesa da Baiana, comparecem, juntas, como à mesa de Piaimã, iguarias de diversos rincões brasileiros. E quando o coro traz, para a ópera que se passa em Santa Catarina, a ciranda amazônica. Nesse sentido, torna-se curioso, e mesmo irônico, o acréscimo do adjetivo "regional", feito pelo autor que rasura, à caneta, o sub-título, na versão datilografada do libreto.

Nessa desregionalização, a presença da ciranda põe em cena o Turista Aprendiz, o musicólogo, o pesquisador do folclore e de nossa cultura popular, o qual, na "viagem etnográfica" ao norte do país, em 1927, assistira em Caiçara, lugarejo à beira do Solimões, à dança dramática que narra a morte e o ressuscitar do carão, anotando música e versos. No artigo "A ciranda", no *Diário Nacional*, a 8 de dezembro desse ano de 27, descreve a dança que deixa documentada nas *Danças Dramáticas do Brasil*.

Escrito o *Malazarte*, Mário de Andrade acompanha a criação de Camargo Guarnieri da música que daria realidade, em 1932, à ópera bufa desejada. Não logra, entretanto, ver *Malazarte* encenada, pois morre em 1945, 8 anos antes da primeira montagem. Conserva, porém, em seu Arquivo, hoje no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, os manuscritos que perfazem *Malazarte*: o libreto em duas versões e uma partitura de Guarnieri. O libreto é transcrito, pela primeira vez, no programa da apresentação da ópera no Teatro Municipal de São Paulo, a 7 de dezembro de 1975, na Semana Mário de Andrade promovida pelo Departamento de Cultura do Município, na excelente gestão de Sábato Magaldi. Nesse programa, Alexandre Eulálio, sob o pseudônimo Antonio Bruno, historia o trabalho do poeta e do compositor em importante texto que, hoje, nossa revista recupera.

Os manuscritos pertencem, no arquivo de Mário, a duas séries: *Manuscritos Mário de Andrade* e *Manuscritos musicais de vários autores*. Assim o libreto oferece duas versões — em autógrafo e datiloscrito: a partitura, uma única, em cópia do compositor. A descrição dos manuscritos precede, aqui, a divulgação do texto estabelecido.

1ª versão:

Malazarte - / Opera comica em 1 ato / Libr [riscado]/ de S. Paulo - 27-VIII-28/ a S. Paulo — 28-VII-28. Autógrafo do autor a lápis preto, 18 folhas de papel jornal, natural, hoje amarelecidas e marcadas por fungos, bordas partidas; sem pauta, 3 traços verticais do cilindro de fabricação, numeradas em algarismos arábicos no centro da margem superior, folhas utilizadas integralmente na face, com exceção do uso parcial de 1/3 da folha de rosto e da 18ª, onde após a indicação "Fim", vê-se a assinatura "Mario de Andrade". O verso é usado na folha 15, para acréscimo de diálogo entre Baiana e Malazarte e, na 18, metade

superior, onde, à italiana, isto é, no sentido vertical, o lápis põe o título "Malazarte/opera comica", para que, dobrado o maço de folhas, aparecesse a identificação. O texto apresenta rasuras configurando etapas. As rasuras são substituições, acréscimos e supressões exibindo o trabalho intenso do autor nos cortes, nos rabiscos, no uso freqüente das entrelinhas. É possível que esta 1ª versão tenha saído de esboços e notas, das quais resta uma pequena página anexada ao datiloscrito do texto. No texto, nota-se descuido na acentuação.

2ª versão:

"MALAZARTE/ Opera bufa em um ato/ texto regional/ de/ Mario de Andrade/ de S.Paulo, 27 de Agosto dde 1928/ a São Paulo, 29 de Agosto de 1928"/ a S.Paulo, 29 de Agosto de 1928": datiloscrito em que, da forma que o caracteriza no uso da máquina Remington, isto é, sem instituir linha reta na margem direita, batendo parte das palavras até o final delas, o autor passa a limpo a 1ª versão autógrafa. Datilografia original, fita azul, sem rasuras mecanográficas e uso restrito dos acentos. Este manuscrito conta com 11 folhas de papel branco sem pauta (28,5 x 21,4 cm); filigrana: caravela com cruces e os dizeres "Industria Brasileira Commercial Ledger" e folha de caderno de bolso (13,9 x 11 cm.), pautada, escrita e rasurada a lápis preto, contendo na frente e no verso, estrofes para acréscimo, recuperando, talvez, notas prévias do texto. As 11 folhas do datiloscrito não estão numeradas e foram utilizadas integralmente, com exceção da 1ª, da 2ª e da 11ª. No verso da 11ª folha, no sentido vertical, está pauta musical a lápis com dois compassos. As rasuras à tinta, a lápis preto e a lápis vermelho apontam etapas na escrita. Não cabe, todavia, aqui, acompanhar nas rasuras etapas e registrar variantes, detalhando a gênese do texto e a pluralidade dele. A tarefa para divulgação, que a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* ora empreende, é, unicamente acatando as emendas das etapas da 2ª versão e aplicando a atualização ortográfica pela norma vigente, apresentar o último texto de *Malazarte*, para que o libreto possa ser mais amplamente conhecido. É preciso, contudo, mencionar no sub-título, além do acréscimo "regional", já citado, a substituição para a ópera que era antes (no texto autógrafo e no datiloscrito) classificada como "cômica", substituição norteada, quem sabe, pelo pequeno elenco e pelas vozes requeridas.

Versão musical de Camargo Guarnieri:

A identificação "Mario de Andrade/ "Pedro Malazarte"/ Opera comica em 1 acto/ Musica de Camargo Guarnieri/ São Paulo 1-1-32/ São Paulo 6-2-932" está em página de rosto pentagramada no volume encadernado em papelão revestido de papel mármore cinza, cantos em couro verde escuro, verso da primeira capa e da última cobertos com papel fantasia rosa-esverdeado e cinza que se prolonga em folha de guarda com verso branco. As folhas de guarda são, pois, essa primeira



Figurinos para a Ópera. Arquivo Camargo Guarnieri.



Mário de Andrade, Lamberto Baldi e Camargo Guarnieri. Arquivo Camargo Guarnieri.

e uma segunda, branca, frente-verso. O volume (33,5 x 26,7 cm) possui 53 folhas brancas com pentagrama impresso em preto, numeradas pelo autor, em algarismos arábicos, de 2 a 104. A página de rosto não está numerada; as folhas foram ocupadas frente e verso, com exceção da 104. A composição, em autógrafo de Camargo Guarnieri está passada a limpo, sem rasuras, ponto esmerado traçando a música à tinta preta e indicando a entrada das personagens e do coro à tinta vermelho-escuro. Ao que se pode entender, o manuscrito foi presente do compositor a seu amigo e companheiro de criação Mário de Andrade.

II

PEDRO MALAZARTE, MÁRIO DE ANDRADE E CAMARGO GUARNIERI()*

*Alexandre Eulálio(**)*

O projeto musical de Mário de Andrade é quase tão ambicioso como o da obra literária dele. Nada mais conseqüente: profissional no campo do ensino da música, professor de Conservatório como era mestre de Brasil, tratou de propor apaixonadamente — através de compêndios, de artigos, de ensaios — um autêntico plano decenal da música brasileira. Primeiro, a definição ao mesmo tempo tipológica e topológica da fisionomia e da personalidade musical do Brasil através dos seus substratos populares. Em seguida, o libertário transfigurar dessas virtudes na criação erudita, com plena consciência da sua função social.

Propondo sem esquematismo algum a reelaboração do conceito mesmo de música brasileira aos jovens compositores do tempo, Mário levou avante a missão de inventor dele — com aguda inteligência e lucidez a toda prova. Indicando, sugerindo, promovendo discussão, propondo soluções, equacionando novos estudos, tratou de motivar os

* Escrito para o programa de apresentação da ópera no Teatro Municipal de São Paulo em 7/12/75.

** Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, crítico e professor, exercia a função de chefe de gabinete da Secretaria de Cultura, gestão Sabato Magaldi. Preferiu aparecer como Antonio Bruno.

músicos moços a fim de que assumissem identidade cultural profunda e coerente. Identidade definida em situação, aqui e agora. A sua proposta de radical auto-conhecimento, a busca desse eu coletivo, pretendia romper com a ignorância e a rotina acadêmica; caminhava no sentido de uma criatividade solidamente orientada pelos impulsos musicais profundos da comunidade popular.

A poderosa intuição antropológica de Mário de Andrade superava as próprias deficiências e se esqueceria pelos anos afora com a abordagem sempre mais abrangente e livre desse problema. Entendida as mais das vezes pela metade, quase sempre com a pregação de limitado nacionalismo folclorizante (ainda hoje parecem pensar assim quase todos que se interessam pela questão), a sua proposta vem clarissimamente exposta nos escritos teóricos que deixou, hoje reunidos na edição uniforme das *Obras (Música, doce música; Aspectos da Música Brasileira; Pequena História da Música)*, a partir do *Ensaio sobre a Música Brasileira*, que é de 1928. Camargo Guarnieri, de todos os compositores que então se aproximaram de Mário de Andrade, parece ter sido aquele que melhor apreendeu a complexidade milionária da proposta dele. No mesmo ano da publicação do *Ensaio* — livro que funciona como um rebate, chamando à caserna de si mesmos veteranos e recrutas, e que na última página se reafirma "uma obra interessada, uma obra de ação" — começa a fecunda parceria dos dois. Que se inicia, nada menos, com um projeto de ópera, ópera nacional, é claro, diretamente ligada às preocupações expostas no voluminho há pouco editado pela Casa Chiarato.

1928 é ano decisivo para Mário de Andrade; de muito trabalho, como sempre. *Macunaíma*, que deveria aparecer em livro em julho, exige-lhe as últimas e urgentes alterações. Além disso sua atividade desdobra-se na vasta correspondência para os quatro cantos do país, em artigos de crítica musical e literária, polêmicas, ensaios sobre folclore, comunicações para congresso, sem se falar na obra propriamente de criação — os vários poemas que então compõe.

Ainda não é tudo. Outras aventuras apaixonavam o desinsofrido autor do *Losango Cáqui*. A 10 de outubro, escrevendo a Manuel Bandeira, depois de repelir deliciado uma louvação do amigo à "rapsódia" do herói sem nenhum caráter, referia-se ainda à nova experiência: "Falar nisso COMUNICO-VOS que escrevi o libreto de uma ópera!!! Sobre isso até careço consultar você. Tomei um passo do ciclo de Malazarte, coisa pouco conhecida e creio que só mineira, está no Lindolfo Gomes, e fiz em 2 dias pra caso urgente um libretinho-merda de ópera-cômica em um ato. Malazarte flirta uma dona casada, de fato só para bispar a janta boa dela. Ela é baiana, mora em Sta. Catarina casada com um alemão. Ele foi na cidade vender o mate dele e a cena está só com a baiana pondo a janta na mesa pro namorado que vem. Está inquieta esperando, e abre a janela entra uma rajada de coro (pretexto para

aproveitar o coro do Baldi, a ópera vai ser cantada no ano que vem). É uma ciranda pedindo para dançar na casa. Ela manda o pessoal dançar no vizinho e põe o resto na mesa: caninha do Ó, Língua do Rio Grande, doce de bacuri, tacacá com tucupi (Nem um só doce baiano só pra moer). Ciranda amazônica passando por baiana em Santa Catarina. Ciranda vai e assim fica perto entrando intermitentemente na ópera. Está claro que o meu interesse é fazer um espetáculo musical bonito, movimentado, cheio de possibilidades musicais e coloridas, nada mais".(1)

A carta prossegue dando detalhes do enredo, que não transcrevemos a fim de deixar ao leitor o prazer de acompanhar no próprio texto a trama divertida. Fazemos menção apenas às partes musicais mais importantes: "Alamão reconhecido brinda a mulher de brasileiro, solo de barítono"; "Malazarte cai do alto sobre uns fardos de algodão ad hoc". — Que está fazendo aqui? Solo de tenor em recitativo e embo-lada"; "obrigou a mulher a cantar uma modinha, solo de soprano, acompanhamento de viola, (instrumental, orquestra de câmara) e refrão do coro no palco"; Malazarte: — Fica com teu marido dona. Ele é bom etc., pretexto para música reflexiva semi-tristonha." Mais além continua, autocrítico: "Meu texto não tem nada que valha por si. Os versos são bestas, sem nenhuma correção. O caso é que vale a musicalidade. Músico: Mozart Camargo Guarnieri, 21 anos, moderno, brasileiríssimo, inteligente. Obra da mocidade para ele. Isso não tem importância nem meu texto. O caso de consulta é o nome da peça. Malazarte só, fica Graça Aranha.

O autor da partitura daria também, posteriormente, depoimento sobre o modo pelo qual surgiu a idéia do seu trabalho: "Na casa de Mário de Andrade em 1928 — conta Camargo Guarnieri — ele, Lambert Baldi e eu conversávamos, quando surgiu a idéia de uma ópera nacional. Mário ficou assanhado e, três dias depois, me deu o libreto pronto. Principiei a estudá-lo e a escrever a música, mas logo cheguei à conclusão de que as minhas forças de compositor ainda não alcançariam o objetivo visado. Pus fora o trabalho feito, mas prossegui ruminando o assunto, até que, em 1930, fiz nova investida. Os resultados, porém, não se modificaram, e dessa tentativa conservei apenas o tema da janta, que é o mesmo da abertura da ópera. O mesmo processo de ruminação do argumento e o exame de melhor maneira de realizá-lo musicalmente me tomaram todo o ano de 1931, até que me senti com forças de pôr as mãos à obra. E tudo correu então fluentemente. Iniciando Pedro Malazarte a 1º de janeiro pude concluí-lo a 6 de fevereiro de 1932" (Eurico Nogueira França — O Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri no Teatro Municipal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1952).

1 BANDEIRA, Manuel org. *Cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.

um aaltinho satisfeita e cantarola:

Muller não má
Muller não má
Muller não má não má lá!

Marido eu vou

Marido eu vou

Que papai mandou chama!

Espeia pela ^{fechada} janela. (Essa cantiga cantada
solada pode ser interrompida às vezes
pelos arranhos e afobação injusta da mo-
ça.) Vem dar um arranho na mesa. Vol-
ta espia pela janela. Olha o relógio. Vol-
ta pela janela. Abre ela e entra forte
a voz do côro que se recitava em cur-
dina desde pouco.

Côro — Senhora dona da casa,
Abra a porta, deixa entrar!
Ciranda veio de longe
Na nossa casa dançar!

Paiava — Vão dançar no vizinho, gente!
Aqui não pode entrar!

Côro — Vamos dançar no vizinho,
Aqui não se ~~faz~~ ^{faz} ciranda
~~Paiava a dona desta casa~~
Quando marido está longe,
Muller tá de abertinanga!

Primeira versão do *Malazarte*. Arquivo Camargo Guarnieri.

Conta ainda Guarnieri que, na primeira versão musical, a ópera era para grande orquestra. Conversando, porém, com o amigo autor do texto, confessou-lhe parecer inadequada tal instrumentação para uma comédia lírica que durava unicamente cinquenta e cinco minutos, na qual contracenavam apenas três personagens. Nestas circunstâncias, quem sabe se não daria melhores resultados uma orquestra reduzida? Para sua grande surpresa lia pouco depois, na edição da *História da Música* de Mário, recém-aparecida, que o compositor de *Pedro Malazarte*, insatisfeito com a primeira tentativa, havia reinstrumentado a ópera. Já que assim estava consignado em letra-de-forma, e pelo próprio autor do libreto, o compositor conformou-se — não sem *sense of humor* — em reduzir para orquestra de câmara a primeira partitura.

Transcreveu-a, portanto, para duas flautas, dois oboés, duas clarinetas, dois fagotes, duas trompas, duas trompetas, harpa, tímpano, instrumentos brasileiros de percussão, além de quinteto de cordas. "A concepção cênica primitiva, anota Figueira França, foi também modificada por sugestão do Maestro Baldi, que achou de pouco efeito dramático limitar-se a ação apenas a um interior — a sala da rústica morada do teuto-brasileiro, o Alamão da ópera. A cena dividiu-se assim em duas partes, pondo-se à direita do casebre o terreiro de São João, com seus elementos característicos, mastro e fogueira".

Levado à cena pela primeira vez em 1952, no Teatro Musical do Rio de Janeiro (Temporada Nacional de Arte), aí foi novamente montado em 1959, após uma segunda apresentação ao público paulista em 1955. E se Antonio Rangel Bandeira (*Caixa de Música*, Rio de Janeiro, 1959) o vê como uma "*espécie de Prosopopéia nacional*", para Luís Heitor (*150 Anos de música no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956), Pedro Malazarte constitui um "*delicioso scherzo*" pontilhado de humorismo sutil.

Nogueira França, por sua vez, pensa que o trabalho de Mário e Guarnieri deixa de ser autêntica obra-prima apenas por não ter conseguido o libretista dar uma motivação real ao coro, cuja presença em cena é factícia e não se entrosa com a ação, ainda que musicalmente tenha sido perfeitamente superado pelo compositor nesse aspecto. E mais recentemente acrescentou que *Pedro Malazarte* traz indicações do rumo estético certas para a criação de uma grande ópera brasileira. "De qualidade superior, a música se nutre de brasilidade irresistível, e a unidade da obra resulta da admirável precisão com que essa música se adapta ao significado e até aos valores fonéticos do texto de Mário de Andrade. Camargo Guarnieri faz circular na partitura grande número de elementos rítmico-melódicos brasileiros. Mas Pedro Malazarte não é ópera folclórica. Trata-se de um trabalho de criação autônoma, de um compositor que estuda e assimila a música popular sem se ater a nenhuma espécie de literalidade e, salvo em simples citações episódicas, não pretende dar nenhuma fotografia do documento musical anônimo".

III

MALAZARTE

Ópera bufa em um ato

Texto regional

de

Mário de Andrade

de S. Paulo, 27 de agosto de 1928 a

S. Paulo, 29 de agosto de 1928

Cenário O caso se passa em Sta. Catarina.

A cena representa a sala principal da casa dum sitiante modesto. Sala baixota se percebendo no alto a trave que é sustentada por um esteio central. Este é de pinheiro rústico e vai até o alto mostrando os princípios dos galhos de forma a permitir que uma pessoa suba por eles até a trave, como por uma escada.

Porta 2º plano na esquerda é entrada. Porta na direita, 1º plano dá para a cozinha. Janela bem larga, na direita, ao fundo e outra no 1º plano da esquerda. Cômoda no fundo à esquerda. Armário, 2º plano, direita, 1º plano meio pra esquerda mesa posta pra janta, dois talheres. Cadeiras, melhor banquinhos rústicos. Viola e petrechos de casa rústica brasileira, rede, porta-chapéu de chifre de veado, folhinha vistosa, relógio, santos, relho, laço no esteio. Junto do esteio, lado direito, alguns fardos de algodão pro indivíduo que despencar da trave, cair sobre eles e não machucar.

Pela porta da rua e pela janela abertas, entra uma vista de pinheirais. Tudo de cores bem neutras, pardo sem intensidade, paredes acizentadas, cremes, sujas, para não perturbar o colorido vivo dos personagens. Só a toalha da mesa, branco alvo. O esteio amarelo cor de ovo bem vivo. O resto tudo de cores neutras e apagadas.

PERSONAGENS

Malazarte: — Moço moreno magro. Todo de preto, com elegância almofadinha: paletó pra cima da bunda, calça bem larga, camisa de esporte aberta no peito e boné xadrezão colorido. Vem carregando uma folha-de-porta e puxa um gato por um cordão. Sapatos brancos.

Baiana: — Baianinha tendendo para mulata, uma brancarana legítima. Gorducha; cabelos pretos, olhos pretos grandes. Vestido de cassa cor-de-rosa vivo. Sapatos pretos.

Alamão: — Marido da Baiana. Teuto-brasileiro, muito loiro, rubicundo. Dólmã e calça curta abotoando no joelho, bem larga, tudo de veludo

verde-claro, cor de alface. Sapatos amarelos. Chapéu de veludo marron, com flores silvestres do lado.

REPRESENTAÇÃO

A Baiana cozinha afobada, traz uma compota de bacuri. Na mesa já tem uma língua do Rio Grande, uma garrafa de caninha do Ó. Baiana olha o relógio, dá um saltinho satisfeita e cantarola;

Mulher não vá
Mulher não vá
Mulher você não vá lá!
Marido eu vou
Marido eu vou
Que papai mandou chamar!

Espia pela janela fechada. (Essa cantiga cantarolada pode ser interrompida às vezes pelos arranjos e afobação inquieta da moça) Vem dar um arranjo na mesa. Volta a espiar pela janela. Olha o relógio. Volta para janela. Abre ela e entra forte a voz do coro que se escutava em surdina desde de pouco.

Coro:-

Senhora dona da casa
Abra a porta, deixa entrá!
Ciranda veio de longe
Na vossa casa dançá!

Baiana:-

Vão dançar no vizinho gente
Aqui não pode não!

Coro:-

Vamos dançá no vizinho
Aqui não se tem licença
Quando marido tá longe
Mulher tá de abstinência!

Risadas. Assobios. Baiana bate a janela pro coro. Este se afasta e intermitentemente se escutará o canto dele. Baiana faz um gesto de libertação. Volta a arranjar tudo. Vai na cozinha e dá pulo de contente.

Baiana: Entre seu Malazarte!

Malazarte: (espia) Vosso marido não está não, sá dona?

Baiana: Foi na cidade e só volta pra semana. Entre que a casa é sua.

Malazarte: (entra carregando a folha de porta e puxando o gato) Mesmo carregado assim vai até a mesa e assunta a comida. Então encosta a folha de porta junto à porta da cozinha, prendendo o cordão do gato no trinco daquela. Volta pra

mesa, cheira bem a janta, esfrega as mãos de contente, dá uma risada muda e abraça com indiferença a baiana.

Malazarte: Como eu gosto de você, puxa!

Baiana: (com paixão) Também gosto de você, meu amor!

Malazarte: E não tem perigo mesmo?

Baiana: (com paixão) Nenhum, seu Malazarte!

Malazarte: (dá uns passinhos cantarolando um maxixe pra mesa e torna a abraçar a baiana) Como eu gosto de você puxa!

Baiana: Você está de luto, seu Malazarte!

Malazarte: (com um gesto forçado de sofrimento) Não vê que meu pai morreu traz-ante-ontem! Me deixou 90 paus mais esta folha de porta. Com os cobres comprei esta fatiota na vila e com a folha-de-porta peguei este gato, ai-lail... Agora vou-me embora por esse mundo feroz vou me fazer serigueiro, enquanto borracha der, ai-lail...

Baiana: Pois então você me deixa, seu Malazarte!

Malazarte: (se atrapalha. Coça o pescoço. Olha a janela. Se ri e abraça de novo a Baiana) Como eu gosto de você, puxa! (carinhoso) Benzinho, vamos jantar?

Baiana: (puxa um banco do lado direito da mesa e Malazarte senta nele. Quando destampa a terrina de tacacá com tucupi se escuta fora uma voz de barítono ou baixo. Malazarte pula da cadeira e a Baiana gira amalucada).

Baiana: É meu marido!

Malazarte: O Alamão!

Baiana: Estou perdida!

Malazarte: Perdi a janta!

Baiana: Como há de ser!

Malazarte: Como há de ser!

Baiana: Esconde os pratos.

Malazarte: Vou me esconder!

Baiana guarda o doce no armário, a garrafa de pinga na gaveta da própria mesa, leva o tacacá e a língua pra cozinha. Enquanto isso Malazarte campeia um lugar pra se esconder (a voz cada vez mais perto), e pelas irregularidades do esteio vai sentar-se na tesoura da casa por cima dos fardos de algodão. A porta se abre, entra Alamão, traz uma bolsa de anagem a tiracolo, um alpenstock numa mão, na outra um buquê de flores campestres coloridíssimas.

Alamão: Mulher, boas tarde!

Baiana: (com maus modos) Boas tarde, marido.

Alamão: Sou eu!

Baiana: (sempre ríspida) Estou vendo! Pra que veio tão cedo!

Alamão: Negócio foi bem. Vendi nosso mate. Ganhei 20 contos pra nós mulher.

Baiana: (sempre ríspida) Que bom, não?

Alamão: Muito bom muito bom... Toalha na mesa, pra quem, mulher?

Baiana: (hesitação leve, se faz doce) Pra ti, meu Alamão querido.
Alamão: (ri grosso) Bem que imaginei! Truxe um vestido de seda pra você mulher.
Baiana: (hesitando) Que bom, meu querido! E... e você vem pra ficar, meu marido?

(Coro pianíssimo, enquanto o diálogo continua, entoa em boca fechada um tema da ciranda.)

Alamão: Vim sim! Sossega mulher que agora nosso Alamão querido tão cedo não viaja não.
Malazarte: (do alto) Como há de ser.
Baiana: (se dirigindo pra cozinha) Como há de ser! (Alamão tira chapéu, sacola, encosta o alpenstock num canto etc. Baiana volta com uma vasilha com feijão e língua do Rio Grande) Só tem feijão com língua do Rio Grande, meu marido. Come logo pra ir pra cama descansar!
Alamão: (senta na mesa, lado esquerdo desta vê na parede em frente a folha da porta com o gato) Mulher, que folha de porta é aquela, que gato é aquele, mulher?

(Baiana dá um gritinho de susto, Malazarte despenca da tesoura e cai sentado nos fardos de algodão.)

Alamão: Donerwetter! (acentuar o Donerwetter, é uma exclamação, como que diz Diabo!...)
Malazarte: Cai!
Baiana: Machucou?
Malazarte: Nem por isso...
Alamão: Companheiro, companheiro, antes que eu me zangue me fale depressa quem você é.
Malazarte: (toma a palavra e canta o recitativo e embolada)
Eu?...
Sou Malazarte, minha parte é em toda a parte
Minha terra é em toda a terra
Em que erra a serra da minha arte.
Trailailai! sou Barzabum
Chinfrim xodó forrobodó
Doborrobó doxó frinchim
Tupim-ninquim bon jour banzai!

Por isso mesmo
É que eu nasci de 7 meses
Aos 3 meses fiz 6 vezes
Minha mãe se admirá
Diz que eu queria
(Era inocente!) ver a perna
Da mais terna das priminhas
Que é sobrinha do papá

Não ria, não seu Alamão!
Eu sou assim, seu Serafim!
Quem dá o que tem, minha Bembem,
Não busca sarna pra se coçá!

Corriphos Pingus
Taura sem eira nem beira
Nunca vi segunda feira
O meu mês só tem domingo
Trailailai!
Ganho no offcio
De acabar com todo vício
Diga aos homens: Deixem disso!
Diga as donas! Trabalhai!
Por isso mesmo
Ninguém viu o que vi hoje
Enxerguei daquela altura (apontando pra onde estava)
A Baiana te esperá
Diz que eu queria
Aprender como se trepa
Bobo é quem cai e se estrepa
Já sou dunga pra trepá
Não ria não seu Alamão etc.

Sou Malazarte etc.....

- Alamão:** Pois então jante com a gente, não faça cerimônia.
Malazarte: Pois não, seu Alamão! (sentam e vão comer)
Alamão: Quer língua com feijão?
Malazarte: É só que tem!...
Alamão: É só que tem.
Malazarte: (olhando pro armário) Como há de ser!
Baiana: Como há de ser!
Malazarte: (desque exclamou pôs a mão coçando o queixo e olha pro ar imaginando)
Alamão: Companheiro, você está sorumbático?
Malazarte: (destraído, repetindo mecânico o gesto que faz pra mesma frase de antes) Não vê que meu pai morreu trás ontem... Me deixou 90 paus mais esta folha de porta. Com os cobres comprei esta fatiota na vila e com a folha de porta peguei este gato... (Fica alegre de sopetão e demonstra pelo gesto que teve uma idéia) Ai-lai! (virando pra trás) Fica quieto gato! (vai buscar o gato e principia conversando baixo com este).
(Recomeça o coro em surdina)
Alamão: Uai, que coro é esse, mulher?
Baiana: É gente da rua dançando a ciranda.
Alamão: Abra a janela pra gente escutar! (Baiana com maus modos vai abrir.) Companheiro, então você conversa com gato!

- Malazarte:** Pois é gato feiticeiro, me conta cada coisa (aberta a janela se escuta a Ciranda enquanto o diálogo continua).
- Côro:** Caçador qué pegá o Carão,
Carão é passo bom, ôh seu mano!
A Ciranda não há de deixá!
(enquanto isso o diálogo continuou assim:)
- Alamão:** O que foi que ele contou pra você?
- Malazarte:** Me contou que a mulher do Alamão imaginando vossa volta, guardou pra você na gaveta da mesa caninha do Ó.
- Alamão:** (prá Baiana) Tem caninha do Ó?
- Baiana:** Tem caninha do Ó. (Tira a garrafa da gaveta da mesa, Alamão enche o copo e vira duma vez enquanto Malazarte continua conversando com o gato.
- Côro:** Caçador, caçador
Matador de carão,
O carão morreu,
Ô seu mano,
A Ciranda ficou
Sem consolação!
- Alamão:** (bêbado) Mulher, você tira modas tão bem! Canta bem bonita pro nosso hóspede gostar.
(Modinha e coro) (O coro faz o refrão)

Baiana vai buscar a viola, senta na rede do fundo, se tiver rede, ou numa tripeça, primeiro plano à direita. Cada vez que ela ponteia o refrão instrumental da modinha, o coro entoa o refrão, sempre o mesmo.

- Refrão:** Ciranda vai chegando
(bis)
Pra morde do Carão
- Baiana:** Morenal Sultana! que eu fui pra Goiás
Campear no garimpo o que a terra escondeu
Teus olhos, morena, campearam meus olhos
Diamante é você, o achado sou eu
- Refrão:** Ciranda vai chegando
Pra morde do carão
O bicho morreu de susto
Agora é uma assombração
Ninguém não olhe pra trás
Quando viaja no sertão

Durante a modinha frases em surdina dos dois homens. Malazarte comendo sempre.

- Alamão:** (cruza as mãos e as coloca sobre a barrica numa posição beatífica) Ehl vida boal
- Malazarte:** Passa o bacuri, por favor. (Alamão passa) Deus lhe pague.
- Baiana:** Morenal Sultanal depois desse dia

- Que os lábios beijaram-te a cor de romã
Eu peno mais penas, de noite e de dia
Que as penas do vira que acorda a manhã
- Refrão:** Ciranda vai chegando
Pro morde do carão
Carão morreu de susto
Agora é assombração
Ninguém não olhe pra trás
Quando viaja no sertão
- Alamão:** (bêbado, deitando a cabeça na mesa pra ficar mais ajeitado)
Você está imaginando que estou bêbado? Não estou bêbado não.
- Malazarte:** Isso passa!
- Alamão:** Mu... Mulherzinha querida...
- Malazarte:** Á janta boa! Agora um golpe de caninha pra rebater!
- Alamão:** Ahn..... ... (Alamão dorme)
- Baiana:** Morena! Sultana! Me traz vossos olhos
Sem eles não posso, não posso viver!
Eu tenho talento no braço, morena
Terás vida boa... (interrompe) Dormiu!
- Alamão:** Será que está falando mais coisas, companheiro?
- Malazarte:** Gato agora diz que mulher de Alamão guardou pra você neste guarda-comida doce de bacuri!
- Alamão:** Doce de bacuri?
- Baiana:** Doce de bacuri. (vai buscar enquanto Alamão levanta enche o copo outra feita).
- Alamão:** Meus senhores vou cantar
Uma sentida homenagem
Pra mulher de brasileiro
Brasileiro está de viagem
A mulher do brasileiro
Fica em casa a suspirar
A janta sempre na mesa
A mulher no seu lugar!
- Alamão:** (Bebe, abraça a mulher enquanto Malazarte conversa com o gato) O que mais ele diz?
- Malazarte:** Gato agora está falando que a mulher de Alamão advinhou vossa volta e guardou de supresa tacacá com tucupi.
- Alamão:** Tacacá com tucupi?
- Baiana:** Tacacá com tucupi. (Vai buscar. Alamão bebe mais e já está meio bêbado. Vem o tacacá, depois língua, doce, etc. Malazarte amarra o gato na perna da mesa, se servindo por si durante toda a cena, e fingindo comer muito)
- Alamão:** Meus senhores vou cantar.
O brinde da brasileira
Pra trabalhar não tem outra
Deixa a coisa que é uma estrela

Quem casou com brasileira
Construiu a vida exemplar
com janta sempre na mesa
E a mulher no seu lugar

Malazarte: (Com a boca cheia) Alamão você tem voz boa, já reparei. Pois então tira uma toada lá da terra de você. Ai lai pra mim escutar.

Alamão: (Melancólico) Companheiro, minha terra é esta mesma. Meu pai foi imigrante alamão. Tirava lá na cítara dele outras canções, mas eu nasci neste Brasil e bebi leite vindo lá do sertão. Eu cantar canções alemãs não posso. Não sei mais não.

Malazarte: (Ouve-se um tiro) Que susto!

Baiana: É a ciranda brincando. O caçador matou o Carão.

Malazarte: O pobre... Está torrado. Aproveito e escapulo. ai-lai.

Refrão: Ciranda etc.....

Malazarte principia se arranjando pra sair. Baiana desesperada agarra na capa dela dependurada no esteio e se cobre. É quase noite.

Baiana: Eu fujo com você!

Malazarte: Tá maluca, dona!

Baiana: Seu Malazarte, me leve também! Eu tenho paixão por você. Não queixo da vida não, nem me queixo de Alamão! Porém não quero saber de nada, tenho paixão por você!

Malazarte: (aconselhando) Fica com teu marido, dona. Ele é bom.

Baiana: Não fico não! Você me entusiasmou, seu Malazarte! Alamão tem cabelo de milho, você tem cabelo negro feito o meu, vou com você, seu Malazarte! Todo santo dia nesta casa é igual o de ontem... Mas você veio e me enleou. Não me queixo da vida minha mas depois que você veio aprendi essa gostosura que se chama suspirar... Por isso vou com você!

Malazarte: (reflexivo) Fica com teu marido, dona. Ele é bom. Não vem comigo não! Eu ando por esse mundo, não paro não... Vou ser seringueiro, quem sabe lá!... Fica com teu marido, dona. Ele é bom (agarra o gato, a folha de porta e faz bulha).

Alamão: (acorda sobressaltado) Já vai?

Malazarte: Só estava esperando você acordar pra agradecer a janta boa.

Alamão: Às ordens, companheiro. Quando quiser não faça cerimônia casa é sua.

Coro: Ciranda Cirandinha
Vamos todos cirandar
Adeus, adeus, vamo embora
Pra dançar noutra lugar...

Alamão: (bêbado) Mas me diga uma coisa, companheiro, você quer me vender seu gato feiticeiro?

Malazarte: Ai-lai vendo não!

Alamão: (bêbado) Pago bem.

Malazarte: (fingindo má vontade) Só se for por 20 contos
(Alamão vai tonto buscar 20 contos na sacola de viagem)

Baiana: Não, marido, não! A gente fica sem 20 contos e sem mate e sem nada.

Malazarte: (repetindo o recitativo com que se apresentou pro Alamão no "Sou Malazarte")

Malazarte: Esse gato é o mais cutuba
Que no mundo há de se achá!
Ele faz as donas sérias...
Acha pinga e tacacá!

Fica quieta dona! Tome cuidado com o gato. Se o mundo está tão barato que não vale 20 contos um gato descobridor, então como há de ser!

Baiana: (desesperada) Como há de ser!

Alamão: Aqui estão os 20 contos.

Malazarte: (recebe-o, olha pra Baiana que está chorando, hesita murmura baixinho) Como há de ser!... (conta o dinheiro)
Ora quer saber de uma cousa!

Alamão: Filho de gambá é raposa! (dá uma gargalhada)

Malazarte: Bocó! Fique com 10 contos pra você, fique com o gato também. (Vai saindo e volta) Fique com a folha-de-porta também. (Dá a folha de porta)

Alamão: Mulher, comprei este gato quase dado. Ganhei uma folha-de-porta. Agradeça, também mulher!

O coro de boca fechada, repete em pianíssimo, muito longe o tema "Ciranda, Cirandinha".

Baiana: (com má vontade) Deus lhe pague. (Vem pra junto do Alamão que está segurando a folha da porta e o gato. Passa um braço pela cintura do marido e ele o mesmo nela).

Malazarte: Bom, vou chegando! (corre pra porta, abre e se vira pro casal de costas no 1º plano, e pro público também. Faz um gesto largo de despedida.)
Adeus, gente boa! Ai-lai. (Vai fechando a porta, sorrindo feliz. Marido e mulher abraçados fazem um gesto lento de despedida.)

PANO RÁPIDO
FIM